



## A MEMÓRIA DE *PLAYA GIRÓN* E O SOCIALISMO CUBANO: REFLEXÕES SOBRE OS DISCURSOS DE FIDEL CASTRO NA EFEMÉRIDE DO 19 DE ABRIL (1971-2001)

## THE MEMORY OF *PLAYA GIRÓN* AND CUBAN SOCIALISM: REFLECTIONS ON FIDEL CASTRO'S SPEECHES AT THE APRIL 19 EVENT (1971-2001)

**Bruno Romano Rodrigues\***

Universidade de São Paulo -USP

 <https://orcid.org/0000-0001-7021-6913>  
[romanorodrigues@hotmail.com](mailto:romanorodrigues@hotmail.com)

**RESUMO:** Este trabalho consiste na análise dos discursos proferidos por Fidel Castro em comemorações envolvendo a memória de *Playa Girón*, tendo em vista o recorte temporal compreendido entre 1971 e 2001. O presente artigo sustenta a ideia de que a efeméride relativa ao período de 16 a 19 de abril de 1961 perdeu paulatinamente a flexibilidade e a inventividade que a caracterizaram ao longo do decênio de 1960, quando ela serviu aos mais diversos interesses políticos do governo revolucionário. Buscando um entendimento crítico do papel do Estado na construção da memória histórica, objetiva-se compreender como a narrativa oficial da elite guerrilheira logrou imputar o advento do socialismo em Cuba à vitória da Revolução frente ao ataque dos exilados anticastristas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fidel Castro – Revolução Cubana – Socialismo – Memória – *Playa Girón*.

**ABSTRACT:** This work consists of an analysis of the speeches given by Fidel Castro in celebrations involving the memory of *Playa Girón* between 1971 and 2001. This article supports the idea that the event related to the period from 16 to 19 of April 1961 gradually lost the flexibility and inventiveness that characterized it throughout the decade of 1960, when it served the most diverse political interests of the revolutionary government. Seeking a critical understanding of the role of the State in the construction of historical memory, the objective is to understand how the official narrative of the guerrilla elite succeeded in imputing the advent of socialism in Cuba to the victory of the Revolution against the anti-Castro exiles.

---

\* Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo. Atualmente desenvolve pesquisa de doutorado na Universidade de São Paulo. Bolsista de Doutorado do CNPq.

**KEYWORDS:** Fidel Castro – Cuban Revolution – Socialism – Memory – *Playa Girón*.

Tendo em vista o processo de construção do calendário cívico cubano na vigência do governo revolucionário, o presente artigo busca oferecer contribuições para o debate que problematiza o papel de Fidel Castro na produção da memória histórica (PRADO, 2018). Relevante não apenas em seu contexto de nascimento e consolidação, quando atuou como um mecanismo de controle da opinião pública, a simbologia concernente aos principais eventos e personagens da cultura política socialista apresenta fortes influências até os dias de hoje, mesmo após as saídas de Fidel e de seu irmão, Raul Castro, do poder, nos anos de 2006 e 2018, respectivamente. Dentre os acontecimentos que protagonizaram grandiosos e longevos rituais comemorativos, destaca-se a vitória da Revolução Cubana na batalha de *Playa Girón*, ocorrida entre os dias 16 e 19 de abril de 1961.<sup>1</sup> Com o passar do tempo, este “lugar de memória” (NORA, 1993) acabou se tornando um dos pilares de sustentação da retórica governista, responsável por justificar a legitimidade e, de quebra, a continuidade dos antigos guerrilheiros nos mais altos postos de comando do Estado e do Partido Comunista de Cuba (PCC).

Para além do evento em si, já deveras discutido, em riqueza de detalhes, pela historiografia oficial (PÉREZ e ROMÁN, 2001; RODRÍGUEZ, 2010), a memória sobre ele tonou-se um terreno em constante disputa no tabuleiro político da ilha caribenha. A reboque de inúmeras rivalidades, as lembranças do conflito estiveram em permanente movimento, ao sabor dos anseios de cada agente histórico. Ao longo da década de 1960, o regime capitaneado por Castro incorporou a memória de *Girón* num projeto que visava exercer controle sobre a memória social (HALBWACHS, 2006) como um todo, buscando assim monopolizar a compreensão da opinião pública acerca das vicissitudes do processo revolucionário. Fruto de um esforço deliberado da elite guerrilheira, que com isso visava expandir a influência da Revolução Cubana sobre a América Latina, prioritariamente, no transcorrer daqueles anos 1960 o discurso oficial mesclou uma grande variedade de temas e assuntos às reminiscências da vitória frente aos grupos anticastristas. Em meio a muitas tentativas e experimentações, com o passar do tempo, notadamente a partir do decênio de 1980, a produção discursiva de Fidel passou a imputar ao 19 de abril uma única função no âmbito do calendário cívico cubano, a saber: a radical defesa do socialismo.

---

<sup>1</sup> As comemorações oficiais envolvendo a memória de *Girón* têm a particularidade de não se restringirem a uma única data, já que o combate que opôs a Revolução aos expedicionários anticastristas ocorreu entre 16 e 19 de abril de 1961. Centralizadas na Agência Nacional de Inteligência (CIA), que utilizou a Guatemala como base territorial e logística, a concepção e a realização do desembarque ficaram a cargo das gestões dos presidentes norte-americanos Dwight Eisenhower John Kennedy, respectivamente.

O ano de 1981, em especial, parece assinalar o enrijecimento da narrativa que atribui a esta efeméride o início da etapa socialista da Revolução. Tendo em vista este marco temporal, nas páginas a seguir será possível averiguar a progressiva unificação da mensagem política consubstanciada nos rituais memorialistas de *Girón*. Se ao longo das décadas de 1960 e 1970 os discursos de Fidel revelaram-se inventivos e polivalentes, daí em diante tal efeméride começou a perder, paulatinamente, grande parte do vigor criativo que a caracterizou até aquele momento. Do início dos anos 1980 até 2006, quando Castro saiu, ainda de forma provisória, dos cargos estatais e partidários que ocupava, o mote do socialismo prevaleceu sobre os demais, tornando-se o âmago da memória construída pelo governo revolucionário em torno do 19 de abril. Em decorrência disso, a narrativa acerca do tal desembarque passou a acontecer segundo parâmetros excessivamente mecânicos e até certo ponto anacrônicos, ganhando estabilidade à medida que perdia em criatividade. Em suma, objetivava-se compreender de que forma *Girón* passou a representar a escolha de uma “comunidade imaginada” (ANDERSON, 2008) pelo socialismo, tido desde então como uma ideologia indissociável da autonomia nacional cubana.

As análises subsequentes problematizarão as estratégias utilizadas pelo governo revolucionário para simbolizar através de um marco temporal específico o compromisso do regime com a construção do comunismo, sempre ancorando-se nas interpretações da batalha da Baía dos Porcos. Paralelamente à defesa do presidente chileno Salvador Allende e de um pretense latino americanismo, o ano de 1971 “pintou” o 19 de abril de vermelho, podendo ser considerado um dos primeiros movimentos retóricos a atribuir à referida data a gênese do socialismo em terras americanas. Em 1981, Castro imputou ao conflito ocorrido duas décadas antes a virtual fundação do Partido Comunista de Cuba (PCC). Em 1986, diferentemente, Fidel interpretou *Girón* como a intersecção entre o internacionalismo proletário e o nacionalismo cubano, empreendendo também uma releitura do papel histórico da guerrilha do M26J. Por fim, já durante o chamado Período Especial, os discursos de 1996 e 2001 colaboraram de forma decisiva para a vinculação de *Girón* com a defesa do tipo de socialismo praticado por Cuba após o esfacelamento da URSS, momento em que a ilha viu-se quase totalmente isolada no cenário internacional e cada vez mais reprimida pelo embargo econômico patrocinado pelos EUA.

### **GIRÓN É VERMELHA**

Em 1971, quando a efeméride de *Girón* completava seu 10º ano de incorporação ao Calendário Revolucionário, Fidel aproveitou a oportunidade para lamentar o fato de

Cuba ainda não se ter construído monumentos históricos em homenagem aos caídos em combate, indicando a possibilidade do Estado realizar um concurso nacional para tal fim. Além de mencionar a conjuntura político-social chilena e latino-americana, o discurso castrista apresentou outros matizes ideológicos.

Desde luego, esta significación creció en la medida en que la Revolución Cubana tenía un carácter mucho más radical y más definido.

Hoy se recordaba cómo aquel 16 de abril se había proclamado el carácter socialista de nuestra Revolución. Ese carácter, desde luego, no se lo daba una proclamación; se lo daban las medidas revolucionarias, las leyes revolucionarias en todos los órdenes, comenzando naturalmente por la Ley de Reforma Agraria y todas las medidas que promovieron un cambio radical de las estructuras económicas y sociales de nuestro país.

Algunos se preguntaron en aquella ocasión por qué se declaró el carácter socialista —no en Cuba—, a algunos les admiró aquel hecho.

Y eso se explica perfectamente. Estábamos en medio de la batalla, habíamos sido atacados arteralmente mediante bombardeos simultáneos de nuestros campos aéreos en la búsqueda de la destrucción de nuestros pocos y viejos aviones; se había iniciado virtualmente la agresión, se había iniciado el combate. Y cuando llegan las horas de las agresiones y cuando llega la hora del combate es cuando hay que levantar más altas las banderas (APLAUSOS). Había que poner más alta que nunca la bandera revolucionaria frente al enemigo artero y cobarde que nos atacaba, frente al poderoso gobierno imperialista que preparaba la invasión.

Y por eso, nuestros combatientes fueron a Girón a defender no solo la soberanía del país, no solo el suelo sagrado de la patria, no solo a defender sus intereses, los intereses de nuestros obreros y de nuestros campesinos, sino que fueron también a defender sus ideas y su proceso claramente definido como un proceso socialista. (CASTRO, 19/04/1971)



Coincidindo com o início do repressivo *Quinquenio Gris*, entre os anos de 1971 e 1975, o significado de *Girón* teria acumulado mais relevância à medida em que o projeto revolucionário tornou-se mais “radical” e “definido”, segundo Castro. O tom de balanço histórico empregado parece fazer referência aos acontecimentos da década de 1960, em particular ao processo conhecido como *ofensiva revolucionária*, desencadeado ao término daquele decênio. Dez anos depois do ocorrido, Fidel revisitava a efeméride com o claro objetivo de atualizar a sua mensagem política, agora inserindo-a em uma realidade já bastante distinta daquela observada no começo do seu governo. A principal inovação envolvia a ênfase no caráter socialista da data, ação que pode ser considerada o primeiro grande esforço neste sentido desde que os eventos de abril de 1961 começaram a ser comemorados, já no ano seguinte à invasão da Baía dos Porcos. Fator ausente até aquele momento, a partir de 1971 *Girón* passou a designar também, ainda ao lado de outros papéis, a própria fundação do socialismo cubano, servindo como plataforma para as consecutivas

apologias do sistema implementado após a cerimônia fúnebre em honra às vítimas dos atentados às três principais bases aéreas da ilha caribenha.

Castro justificou a atitude tomada uma década antes dizendo que a Lei de Reforma Agrária, bem como diversas outras medidas adotadas em seguida à queda de Fulgêncio Batista, indicavam um caminho de “transformação radical das estruturas econômicas e sociais”. Além de querer representar o marco inicial do socialismo em solo pátrio, o esforço retórico de Fidel também caminhava no sentido de compreender *Girón* enquanto desfecho das medidas iniciadas dois anos antes, em 1959. De modo teleológico, o mandatário fazia crer que no dia 16 de abril apenas teria ocorrido o reconhecimento oficial de uma ideologia tida como “secreta”, a qual vinha se manifestando pouco a pouco. Ainda de acordo com Castro, a adesão aos princípios socialistas ocorreu em meio a condições hostis e inesperadas. Em um contexto marcado pelo que chamou de “batalhas”, “agressões” e “combates”, o fator ideológico teria desempenhado a função de mobilizar a opinião pública interna frente ao “inimigo covarde”, colaborando para instalar na ilha caribenha um clima de guerra total, isto é, aquela que ultrapassa os limites dos círculos militares e difunde-se para os mais variados setores da sociedade civil.

A emulação socialista teria potencializado o engajamento popular, unificando o país sob a “bandeira revolucionária”. Nas entrelinhas do trecho acima citado, observa-se que a elite guerrilheira utilizou o momento para tentar construir, no âmbito do imaginário popular, a figura de um inimigo poderoso, contra o qual os cubanos travariam uma guerra de vida ou morte. Instalar, através do discurso oficial, uma espécie de cultura do medo em relação a este poderoso opositor facilitaria a aglutinação das colunas militares sob o comando de Fidel. De igual maneira, permitiria a repressão a eventuais divergências ou dissidências internas à ilha, sob o pretexto de que as vozes dissonantes do processo revolucionário estariam sendo patrocinadas por interesses estrangeiros, quase sempre representados como o próprio governo dos EUA. Além do fator nacionalista, fortemente apegado à defesa da “soberania” e do “solo sagrado da pátria”, a já vultuosa mobilização das massas ganhou a causa do socialismo para defender a Revolução de seus inimigos, servido também para unificar os “interesses” de trabalhadores e camponeses com vista à superação da pobreza, segundo as palavras de Castro.

### ***GIRÓN* E O PARTIDO COMUNISTA DE CUBA (PCC)**

Uma década depois, a geração de *Sierra Maestra* continuou aferrada ao tema do socialismo como forma de atualizar o legado de *Girón* junto às novas gerações. Em linhas

gerais, nota-se que os anos 1980 consolidam o processo através do qual a memória histórica tornou-se, em grande medida, conservadora, tomando para si a tarefa não somente de divulgar, como também de defender uma versão unívoca acerca do passado que o regime desejava enaltecer. Em 1981, inusitadamente, Fidel discursou em duas oportunidades sobre o que chamou de “dias épicos”, em 16 e 19 de abril, justamente nas balizas temporais que delimitam o início e o final dos combates ocorridos vinte anos antes. Na segunda destas falas públicas, o mandatário investiu a efeméride em questão de um significado inédito até aquele momento. Atrou-a à formação do Partido Comunista de Cuba (PCC), como será possível observar no trecho reproduzido a seguir.

Para mayor gloria de ese pequeño país, en el momento mismo en que se iniciaba la agresión, se proclamaba el carácter socialista de la Revolución (APLAUSOS PROLONGADOS), como para que no dijeran después que era un pueblo engañado el que estaba combatiendo contra los mercenarios del imperialismo. ¡Y qué mercenarios! Aquella expedición constituyó toda una cátedra de sociología y de marxismo-leninismo (APLAUSOS). Si queríamos saber el papel de las clases, y los intereses que defendían, ahí estaban los hijos de los principales terratenientes, casatenientes, burgueses, de los cabecillas de sus partidos politiqueros, aliados con torturadores, esbirros y criminales de la tiranía. No tuvieron ningún escrúpulo en juntarse todos allí, y por ahí están las estadísticas. Del lado de acá, obreros, campesinos, estudiantes y gente humilde del pueblo. [...]

En Girón se proclamó el carácter socialista de nuestra Revolución, en Girón prácticamente se forjó nuestro Partido. Por aquella época trabajábamos precisamente en la tarea de unir las fuerzas revolucionarias en una sola organización, bajo una sola dirección. Podemos decir por ello que, coincidiendo con ese momento en que llevábamos adelante esta tarea, quedó forjado nuestro Partido (APLAUSOS). Por eso se considera el 16 de Abril, fecha de la proclamación del carácter socialista de nuestra Revolución, como la fecha de la fundación de nuestro Partido. (CASTRO, 19/04/1981)

Nota-se que a rememoração da tal gênese do socialismo cubano redundou em uma espécie de antropomorfismo político, fazendo o governo ganhar características e intencionalidades humanas. Neste sentido, diz-se que a Revolução teria sido “honesta” ao proclamar a sua ideologia, como se o regime tivesse vida própria e não dependesse dos arranjos políticos negociados em uma dada realidade social, sem contar os projetos e intencionalidades de suas principais lideranças e dos mais variados grupos de interesse organizados em torno do Estado. Dentro do que Fidel chamou de “luta de classes”, em um dos lados encontravam-se os burgueses, latifundiários e demais líderes dos partidos políticos tradicionais, todos eles representados como uma síntese das elites exploradoras que haviam apoiado o golpe e a ditadura de Fulgêncio Batista, ao longo da década de 1950.

Do outro lado do *front* encontravam-se os “trabalhadores, camponeses, estudantes e a gente humilde do povo”, isto é, uma representação vaga e imprecisa dos setores sociais que, supostamente, saíram em defesa do governo revolucionário e, no limite, do próprio socialismo, na época da invasão da Baía dos Porcos.

A novidade desta interpretação reside no elo estabelecido entre a dita efeméride e o Partido Comunista de Cuba (PCC). Com o intuito de “unir as forças revolucionárias”, eufemismo empregado para explicar o surgimento do sistema unipartidário inspirado nos moldes soviéticos, o embate nas cercanias de *Ciénaga de Zapata* passou a ser interpretado como a semente formadora da referida organização. Por isso, segundo Fidel, o 16 de abril podia ser considerado a data de fundação do mais importante órgão estatal na era revolucionária, tido como a vanguarda responsável por decidir os rumos da sociedade cubana. Levando em consideração o tabuleiro configurado após queda da ditadura comandada por Fulgêncio Batista, seria possível identificar, sem grandes dificuldades, um elevado grau de anacronismo na tese lançada por Castro acerca do contexto de 1961. Nesta conjuntura, é válido lembrar, ainda não havia sido estruturada uma forma definitiva para aglutinar os amplos e diferentes setores político-ideológicos integrantes do governo de coalizão que substituiu o regime batistiano, o qual tinha o protagonismo do M26J.

As Organizações Revolucionárias Integradas (ORI), o primeiro grande esforço realizado nesta direção, surgiram apenas no mês de julho daquele ano, ou seja, três meses depois de *Girón*. Somente em março de 1962, constituiu-se oficialmente o Partido Unido da Revolução Socialista de Cuba (PURSC), considerado pela historiografia um passo intermediário de integração política, fruto de um processo eivado de conflitos, expurgos e arbitrariedades por parte da elite guerrilheira egressa de *Sierra Maestra*. Apenas em outubro de 1965, portanto quatro anos depois do ataque corsário organizado e patrocinado pelos EUA, é que o Partido Comunista de Cuba (PCC) foi de fato fundado, constituindo-se também o seu secretariado executivo, conforme mencionado por Castro. Há, portanto, uma nítida contradição a respeito do advento da estrutura partidária, ou, em outros termos, uma idealização acerca das reais condições que possibilitaram o seu surgimento. Em nome dos caídos em *Girón*, Fidel optou por uma data que melhor simbolizava, a seu juízo, as funções morais que tal instituição carregava consigo, isto é, o anseio de construir um novo modelo de sociedade, destruindo qualquer vestígio do sistema capitalista.

Proposital ou não, tal discrepância não se trata exatamente de uma novidade, muito menos de um engano. Antes disso, o mandatário já havia dado vazão a ideias semelhantes a esta. Em 1976, por exemplo, Castro afirmou que a efeméride de *Girón* podia

ser considerada uma data histórica em duas acepções. Em primeiro lugar, por causa da vitória arrasadora frente aos chamados “mercenários”. Em segundo lugar, pois em 1961, através do “sangue” derramado por “trabalhadores, camponeses e estudantes” (CASTRO, 19/04/1976), teria surgido o partido marxista-leninista responsável pela consolidação do socialismo em território cubano. No mesmo discurso, já na parte final, Fidel também fez alusão ao que chamou de “nascimento virtual” de uma “formidável e aguerrida organização de vanguarda” (CASTRO, 19/04/1976), deixando implícita a sua intenção de transformar o 16 de abril em uma referência obrigatória no campo partidário e ideológico, mesmo padecendo de uma evidente fragilidade como explicação histórica.

## UM SOCIALISMO NACIONALISTA?

Em 1986, ano que designa o início do processo conhecido como “Retificação” (CHOMSKY, 2015, p. 74-75), a defesa da ideologia socialista ganhou novas roupagens, confeccionando argumentos que se revelaram uma mescla entre os símbolos patrióticos cubanos e ideias imputadas ao marxismo. O casamento de matrizes tão heterogêneas e, em grande medida, contraditórias não deixou de apresentar algumas incongruências e assimetrias, vindas à tona em algumas das interpretações realizadas por Fidel.

[...] Se iniciaba una etapa nueva y abiertamente se explicó el carácter socialista; luego, aquellos hombres lucharon y murieron ya por el socialismo.

Digamos que por el socialismo lucharon y murieron todos los que han luchado y han muerto en Cuba, en cada etapa histórica —si vemos el socialismo como lo que es, una etapa superior del desarrollo de la sociedad humana—, desde los que se alzaron con Carlos Manuel de Céspedes, los que lucharon con Agramonte, Gómez y Maceo en la primera guerra de independencia, que en aquella época se tradujo inmediatamente en la abolición de la esclavitud, que fue un acto tan radical como nacionalizar las propiedades yankis y las grandes empresas capitalistas del país; porque en aquella época el mundo no se concebía sin la esclavitud. [...]

Luego, podemos decir con justeza que todos los que han luchado en la historia de nuestra patria, desde octubre de 1868, lucharon también por el socialismo; solo que por primera vez ya directamente y en una avanzada etapa de nuestra historia y del desarrollo de nuestra sociedad y de nuestro Pueblo [...] Aquellos luchadores hicieron posible precisamente estos avances, hicieron posible que antes de que se cumplieran los 100 años de aquella gesta, pudiéramos iniciar la construcción del socialismo en nuestro país. (CASTRO, 19/04/1986)

Logo depois, Fidel complementou seu raciocínio do seguinte modo:

Los que vísperas de la invasión lucharon y murieron en el Escambray, o en otras provincias del país, combatiendo a los bandidos, lucharon también por el socialismo, y los que murieron en la clandestinidad, los que murieron en la Sierra Maestra, los que murieron en el Moncada. Esa es la idea, la convicción que nosotros tenemos. Pero los imperialistas y los gusanos decían que era una revolución traicionada. [...] En Girón — para que no les cupiera ninguna duda—, ya nuestro pueblo y esos miles de combatientes que fueron capaces de tantas proezas, lo hicieron por el socialismo ¡abiertamente!, para que no les quedara duda al imperialismo y a sus corifeos. (CASTRO, 19/04/1986)

Nota-se aqui a obsessão de Castro em provar que os caídos em *Girón* haviam combatido em defesa do socialismo, de forma “aberta” e consciente, segundo ele. Assim, o mandatário alegava estar refutando a ideia defendida pelos chamados “imperialistas” e “gusanos”, segundo a qual a população cubana teria sido enganada ou “traída” por uma Revolução que mudara de curso, subvertendo os seus objetivos iniciais. Além da refutação dirigida aos inimigos norte-americanos e à comunidade anticastrista exilada, o emissor do discurso procurou ampliar a abrangência de sua argumentação. Para tanto, decidiu englobar em suas ponderações um aspecto extremamente importante da História de Cuba, relativo ao surgimento das primeiras correntes independentistas, ainda durante o período colonial. Segundo a versão adotada em meados dos anos 1980, a construção do socialismo teria ocorrido em diferentes épocas e circunstâncias da vida nacional, e não somente a partir de 1965, quando determinados grupos políticos que já controlavam as estruturas do Estado foram fundidos, possibilitando a criação do Partido Comunista de Cuba (PCC), do qual Fidel tornou-se o Primeiro Secretário.

A busca cega pelas supostas raízes ideológicas do socialismo adotado naquele país acabou impregnando a interpretação castrista sobre o “real” sentido dos acontecimentos passados. Ao extrapolar o contexto original de *Girón*, Fidel elegeu o distante ano de 1868 como ponto de partida para as suas digressões históricas. Desde meados da segunda metade do século XIX, segundo ele, todos aqueles que lutaram e morreram em “prol” de Cuba também haviam dedicado suas vidas à construção do socialismo, mesmo que não soubessem disso. Para chegar a esta conclusão, Castro teve que ignorar, entre outras evidências, o fato de nenhum dos chamados heróis independentistas acima listados ter feito menção, publicamente, uma eventual adesão, ou mesmo simpatia, aos ideais inscritos no campo da esquerda. Portanto, não se trata simplesmente de uma homenagem, mesmo que anacrônica, às gerações pretéritas, em virtude de sua pretensa contribuição ao regime instalado a partir do 16 de abril de 1961, como a primeira vista pode parecer. Ao contrário, no excerto supracitado *el comandante* procurou estabelecer uma hierarquia proposital entre duas temporalidades históricas absolutamente distintas.

Fica patente que Castro utilizou a efeméride de *Girón* para conectar o presente de 1986 com o passado anticolonial. Pela “primeira vez” na história de Cuba, segundo ele, o socialismo havia sido defendido de maneira “direta”. Com isso Fidel queria dizer que os combatentes enviados à região de *Ciénaga de Zapata*, em 1961, saíram em defesa de uma ideologia específica, demonstrando ciência acerca da gravidade daquele contexto bem como das ações a serem tomadas para debelar a expedição invasora. Fica claro também que o engajamento nos embates foi interpretado como um privilégio concedido àquela geração de soldados, somente. As gerações anteriores haviam sido impedidas de participar de uma batalha efetiva contra o imperialismo, sendo-lhes negado também o direito ao usufruto político da vitória que garantiria, em tese, a plenitude da independência cubana, segundo a versão oficial. Assim, as eventuais homenagens a figuras e eventos do passado anticolonial concorrem para legitimar a memória de *Girón* como um dos marcos temporais do Calendário Revolucionário. De quebra, chancelariam ainda a continuidade da elite guerrilheira nos mais altos postos de comando do Estado.

Para aprofundar a crítica, faz-se necessário refletir também sobre a compreensão de Castro acerca do socialismo, uma “etapa superior do desenvolvimento da sociedade humana”, de acordo com o trecho supracitado. Para conseguir identificar tal máxima na cultura política cubana do século XIX, *el comandante* negligenciou por completo as características e dinâmicas específicas do mundo colonial hispânico, como, por exemplo, a sua respectiva divisão de classe. Semelhante a outros casos observados na América Latina, deve-se lembrar que o anticolonialismo cubano comungou-se aos interesses políticos e econômicos da elite *criolla* e latifundiária de origem espanhola. Foram os chamados *tierratenentes* que acabaram patrocinando o primeiro esforço emancipacionista na ilha, em 1868, através da figura de Carlos Manuel de Céspedes. Consubstanciando uma narrativa essencialmente teleológica, além de contraditória em relação ao contexto histórico evocado, as palavras de Fidel sugerem ainda que uma nova ordem social pudesse ser criada de maneira inconsciente. Entre outras coisas, esta tese acaba contrariando o próprio racionalismo defendido por Karl Marx, diga-se de passagem a única referência utilizada por Fidel para definir o conceito de socialismo.

A comparação estabelecida entre as duas temporalidades históricas baseou-se na adoção de um critério vago, referido por Castro como “medidas radicais”. Nesta linha de raciocínio, durante os oitocentos a assim chamada República em Armas decretara o fim da escravidão, tida como uma injustiça social. Na centúria seguinte, de acordo com Fidel, o governo revolucionário adotou práticas tão radicais quanto a dos *mambises* quando decidiu

nacionalizar as “propriedades” e “empresas capitalistas” controladas por agentes privados dos EUA. Em síntese, sua fala sugere que o século XX não concebia o mundo sem o sistema capitalista, assim como o século XIX reivindicava o regime escravocrata como parte indispensável das prerrogativas legais das elites agrárias e latifundiárias, sobretudo em Cuba. Mesmo assim, ao longo da história a ilha caribenha teria conhecido rupturas sociais profundas, até conseguir eliminar a escravidão e a ideologia capitalista, respectivamente. As inusitadas conexões entre anticolonialismo e socialismo buscavam representar o presente de 1986 como o ápice da tomada de consciência desencadeada, supostamente, pelo *Grito de Yara*, ocorrido mais de um século atrás.

Ao término da citação acima reproduzida, na parte específica em que Fidel abordou o processo histórico da Revolução Cubana, o argumento por ele adotado parece consolidar uma chave interpretativa triplamente anacrônica. Em primeiro lugar, porque de alguma maneira acabou distorcendo tanto o contexto quanto a função desempenhada pelos líderes independentistas do século XIX, submetendo-os a uma ideologia que não estava em discussão, ou que não apresentava relevância para o entendimento das lutas anticoloniais ambientadas na “Maior das Antilhas”. Em segundo lugar, porque sequestrou a pluralidade política que caracterizava os movimentos de oposição a Fulgêncio Batista, de forma produzir uma hipotética e inverificável hegemonia da ideologia socialista como *telos* de todo o processo que culminou no triunfo guerrilheiro, em 1959. Em terceiro e último lugar, porque atribuiu um alto nível de consciência política e poder de decisão aos combatentes enviados a *Girón* em defesa do governo revolucionário; ignorando, entre outros fatores, a função desempenhada pelo discurso nacionalista como estratégia de mobilização popular, antes e durante a campanha de abril de 1961.

### ***GIRÓN* APÓS A QUEDA DA URSS**

Durante a década de 1990, em meio a condições muito particulares, o discurso proferido por Fidel nas comemorações do 35º aniversário da vitória de *Girón* não deixou de expressar os dilemas enfrentados pelo regime cubano durante o Período Especial (CHOMSKY, 2015, p. 195-229). Como sabido, a desaparecimento da URSS e do bloco socialista do leste europeu trouxe inúmeras dificuldades para a economia daquele país insular. Além de perder seus mercados cativos, ocasionando uma queda repentina de seu Produto Interno Bruto (PIB), Cuba ainda teve que enfrentar o recrudescimento de políticas repressoras por parte do governo norte-americano, seja por meio de ações diretas ou mesmo através da concessão de auxílios logísticos e financeiros (envolvendo também o

acobertamento de crimes) aos setores mais radicais da comunidade cubana exilada na Flórida. Como exemplo das ações diretas, a gestão do presidente Bill Clinton aproveitou-se da vulnerabilidade cubana para aprofundar o bloqueio econômico decretado por John Kennedy ainda no início da década de 1960. Diante de uma Revolução Cubana colocada em cheque, Fidel buscou atualizar o legado do 16 abril tendo em vista um insólito cenário de isolamento internacional.

Naquela ocasião, a ciclicidade dos rituais memorialistas manifestou-se de forma extremamente didática. Inscrita no cânone da defesa do socialismo, a efeméride de *Girón* demonstrou mais uma vez a sua capacidade de adaptação aos mais variados contextos.

Ahora tenemos delante no a los mercenarios de Playa Girón, sino a otro tipo de mercenarios más peligrosos que los de Girón: los que quieren hacer más duro el bloqueo, los que quieren más necesidades para nuestro pueblo, los que quieren dificultarnos el camino para ir recuperándonos poco a poco de aquel gran desastre, de aquella tragedia, que fue la desaparición del campo socialista, y convertirnos en soldados solitarios como pueblo, y en este caso no incluyo a los cientos de millones de personas que simpatizan con Cuba. Nos convirtieron en soldados solitarios de la causa más justa de la humanidad y en soldados limpios, además; en soldados puros. [...]

No queremos lucha, no queremos guerra. [...] no queremos una victoria como la de Girón, ni cien victorias como la de Girón. Lo que queremos es la paz, la salud de nuestro pueblo, el bienestar de nuestro pueblo, la vida de nuestro pueblo, que solo arriesgaremos sin vacilación cuando sea al precio de la soberanía, de la independencia, del honor, de la libertad, y estoy completamente seguro de que todos ustedes coinciden con este principio, con esta idea. (CASTRO, 16/04/1996)



Chamada por Castro de “grande desastre” e “tragédia”, a extinção da URSS teria transformado Cuba em um “soldado solitário”, tornando-a cada vez mais isolada dos fóruns e organismos multilaterais e regionais, tal como a Organização dos Estados Americanos (OEA), da qual permaneceu alijada até 2009; reincorporação ocorrida durante o mandato do presidente norte-americano Barak Obama. Como ponta de lança da política de isolamento promovida pelos EUA, o mandatário cubano chegou a mencionar, entre um parágrafo e outro do excerto acima reproduzido, os resultados desastrosos da Lei *Helms-Burton* para a já combalida economia de seu país. Intitulada oficialmente de “Lei para a liberdade e a solidariedade democrática cubana”, a medida tramitou no poder legislativo estadunidense ao longo de 1995, primeiro no Senado e depois na Câmara dos Deputados, entrando em vigor no dia 12 de março de 1996, precisamente. Naquele ano, através do cruzamento de datas, percebe-se que o discurso de Castro em homenagem a *Girón* ocorreu

cerca de um mês após a definitiva promulgação, pelo governo dos EUA, do arrocho jurídico ao embargo econômico imposto à ilha desde 1962.

As palavras de Fidel guardam o frescor de reflexões elaboradas ainda no calor dos acontecimentos, quando a repercussão da assinatura de endosso do presidente Bill Clinton à referida lei atingia o seu nível mais agudo. Por parte de Cuba, a resposta aos consecutivos ataques promovidos desde o território norte-americano também subiu de tom, já que em fevereiro de 1996 aviões da organização anticastrista *Hermanos al Rescate*, sediada na Flórida, foram abatidos pela Força Aérea Revolucionária (FAR), degradando ainda mais as já precárias relações diplomáticas entre os dois países (MORAES, 2011). Em relação aos possíveis efeitos da nova lei aprovada pelo parlamento estadunidense, nota-se também a intenção de Castro em tentar controlar a opinião pública interna através do manejo da memória histórica. Propositamente descontextualizado, o 16 de abril parece ter adquirido um valor quase poético, passando a exprimir um desafio com alto grau de dificuldade, além de uma mensagem de esperança frente a obstáculos considerados intransponíveis. Mantendo a defesa do socialismo como eixo central das lembranças, o trecho supracitado revela que a efeméride de *Girón* tornou-se uma metáfora capaz de ser aplicada a contextos múltiplos e variados, aprofundando o seu caráter polissêmico.

Sustentando princípios como “liberdade”, “soberania” e “independência”, Castro incitou a população cubana a continuar preservando a “limpeza” e a “pureza” dos valores revolucionários, a despeito das agruras e dificuldades características do Período Especial, logo após a queda da URSS. Dizendo não querer mais “cem vitórias como a de *Girón*”, de modo a atestar o seu alegado pacifismo, *el comandante* apelou também para a retórica da preservação do bem estar e dos direitos sociais obtidos graças à implementação do socialismo em terras caribenhas. Naquele final de século XX, seus apelos pretensamente conciliadores dialogavam de maneira direta com a conjuntura da chamada Nova Ordem Internacional, quando Cuba passou a ocupar uma posição de caráter defensivo no campo da diplomacia. A estratégia de memória baseada no suposto pacifismo da geração de *Sierra Maestra* muito difere da verve observada na narrativa castrista durante as décadas de 1960 e 1970, época em que o líder cubano subia ao parlatório para realizar explícitas apologias da violência revolucionária como forma de derrubar as ditaduras militares instaladas em grande parte da América Latina.

No ano de 2001, quando *Girón* completava seu 40º aniversário, Fidel realizou duas falas públicas sobre esta temática, a primeira no dia 16 e a segunda no dia 19 de abril<sup>2</sup>. Conforme apontado, desde 1981, ano em que também pronunciou dois discursos, o mote do socialismo passou a monopolizar as comemorações oficiais em torno de tais datas. Na virada do milênio, a interpretação de Castro acerca da adesão a uma nova ideologia, condizente, segundo ele, com a “busca de objetivos muito mais elevados no desenvolvimento político e social de Cuba” (CASTRO, 16/04/2001), teria ocorrido no momento preciso, “nem um minuto antes, nem um minuto depois”. No discurso que mais pareceu uma ode ao marxismo-leninismo, Fidel citou uma série de estatísticas com o objetivo de comprovar, a seu juízo, os inúmeros avanços conquistados por seu país na área dos direitos humanos e sociais desde 1959. Entre outros indícios, a exploração exaustiva de tais dados indica a cristalização de um discurso conservador, elaborado com o intuito de manter o *status quo* revolucionário. Suas palavras apelaram então para a necessidade dos cubanos colocarem “sobre seus ombros [...] a tarefa de salvar a pátria e o socialismo a qualquer preço”.

A missão salvífica a ser assumida por gerações que sequer haviam nascido quando a Revolução triunfou, em 1959, ou quando o seu caráter socialista foi declarado, em 1961, procurava dialogar com a realidade observada naquele apagar de luzes do século XX, a se julgar pelas palavras da principal liderança de todo este processo.

Hoje já marchamos para objetivos com os quais não haveríamos podido sonhar há 40 anos, ainda menos na duríssima etapa que começou há dez anos, da qual emergimos vitoriosos. Um novo amanhecer começa iluminar nosso futuro; um futuro que será mais brilhante, um socialismo que será mais acabado, uma obra revolucionária que será mais prometedora e profunda.

Hoje não viemos comemorar o aniversário 40 da proclamação do caráter socialista da Revolução; viemos ratificá-lo, viemos jurar de novo. (CASTRO, 16/04/2001)

Através deste trecho observa-se a tentativa de atualizar a memória de *Girón* junto a uma realidade que Fidel chamou de “duríssima etapa”, ou seja, o período imediatamente posterior à queda do muro de Berlim, em 1989, seguida do desmantelamento da URSS, em 1991. Irrigando aquele tempo presente com uma suposta força herdada do passado, *el comandante* afirmou ainda que o povo cubano conseguiria sair vitorioso do período de privações inaugurado com a extinção do bloco de países da Europa Oriental. Contudo, as

<sup>2</sup> Bastante breve se comparado à média de extensão de outros discursos seus, nele o líder cubano afirmou que *Girón* podia ser considerado o segundo marco temporal mais importante da História de Cuba, perdendo apenas para o 1º de janeiro, data em que se comemora o triunfo revolucionário.

promessas de um “novo amanhecer” ou de um “futuro brilhante” só seriam realizadas caso Cuba lograsse preservar a sua independência política e, por conseguinte, o caráter socialista de seu governo; leia-se a continuidade do próprio Castro e da remanescente geração de *Sierra Maestra* no topo das estruturas de poder da ilha caribenha. Para efetivar tais objetivos, a ideologia que simboliza os festejos do 16 de abril deveria ser “ratificada” através de um novo “juramento”, a se realizar quarenta anos depois do fato em questão. No tempo presente de 2001, tal atitude chancelaria a deliberação tomada pela alta cúpula revolucionária em abril de 1961, demonstrando a sua pertinência e atualidade mesmo após o término da Guerra Fria, com a consequente vitória dos EUA.

A homenagem ao socialismo contou ainda com uma espécie de teatralização do contexto histórico atribuído à época de *Girón*. Em termos performáticos, vale lembrar que a fala pública realizada em 2001 aconteceu no mesmo local em que Fidel discursou no ano de 1961, no cruzamento das ruas 23 e 12, endereço situado no bairro de Vedado, em Havana. Longe de representar uma mera coincidência geográfica, segundo Castro, suas palavras estavam sendo ouvidas exatamente no mesmo horário em que, quatorze décadas antes, ele próprio comunicara às massas ali reunidas a decisão da elite guerrilheira em transformar a Revolução Cubana no primeiro governo socialista das Américas. Tais aspectos cênicos revelam ainda a riqueza de detalhes que cercava os rituais de memória mais relevantes do Calendário Revolucionário. Concebidos como autênticos assuntos de Estado, ou como peças de publicidade governamental, os festejos públicos desta natureza oferecem pistas imprescindíveis para a compreensão do principal significado atribuído à efeméride do 16 de abril no contexto político interno do pós Guerra Fria, época em que regime cubano procurou reciclar as suas tradicionais dinâmicas de rememoração dos acontecimentos pretéritos.

As reflexões de Fidel revelam três estratégias principais de ressignificação do passado. Em primeiro lugar, o mandatário optou por fazer um relato minucioso dos acontecimentos relativos a abril de 1961, a começar pela cerimônia de velada solene das vítimas dos ataques perpetrados pela aviação inimiga no amanhecer do dia 15. Em segundo lugar, o líder cubano releu algumas das reportagens originais produzidas por meios de comunicação norte-americanos. Assim seria possível, segundo ele, “ilustrar às novas gerações” (CASTRO, 16/04/2001) grande parte das “mentiras” divulgadas por seus adversários com o fito de desestabilizar o governo revolucionário. Resumidamente, as agências de notícias estrangeiras afirmavam que o ataque à Baía dos Porcos não teria sido um plano orquestrado pelo governo dos EUA, mas, ao contrário, o resultado de “ações de

membros dos serviços da Segurança do Estado de Cuba que estavam descontentes com a Revolução” (CASTRO, 16/04/2001). Em terceiro lugar, Castro releu dois trechos do pronunciamento realizado por ele próprio naquele 16 de abril de 1961. Daí depreende-se a intenção do emissor do discurso de transformar as suas memórias pessoais em narrativa histórica fidedigna, legitimando assim o seu posto de máxima liderança política.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os discursos de Fidel Castro acima analisados, as conclusões deste artigo dividem-se em três aspectos. Primeiramente, destaca-se o enrijecimento da memória relativa a *Girón*, que a partir dos anos 1980 ficou restrita à legitimação do socialismo insular. Isso pode ser atribuído, em grande parte, à atuação estatal, responsável por reduzir drasticamente a possibilidade da opinião pública interna confrontar a narrativa histórica oficial, sobretudo no que tange ao processo revolucionário. Em segundo lugar, nota-se o “esquecimento” institucional (ROSSI, 2010, p. 15-38; RICOEUR, 2007, p. 451-466; CANDAU, s./d., p. 83-122) de alguns significados de *Girón*, sobretudo daqueles que remontam à década de 1960, antes do seu engessamento. Em terceiro lugar, salienta-se a variedade de estratégias acionadas por Castro ao longo de três intensas décadas (1971-2001), sempre no intuito de legitimar uma narrativa homogênea, ascendente. Para melhor sustentar a tese de que a ideologia proclamada em 1961 apresentava raízes endógenas, calcada, portanto, em características político-sociais intrínsecas à ilha caribenha, as falas públicas de Fidel demonstram a variedade de recursos empregados a fim de naturalizar o socialismo como um fator indissociável da nacionalidade cubana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### FONTES

CASTRO, Fidel. **Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto central en conmemoración del X aniversario de la victoria de Playa Girón, efectuado en el teatro de la CTC, el 19 de abril de 1971.**

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1971/esp/f190471e.html>>.

Acesso em: 10 maio 2020.

\_\_\_\_\_. Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en el acto central por el XV aniversario de la victoria de Girón y la proclamación socialista de nuestra Revolución, celebrado en el Teatro “Carlos Marx”, el 19 de abril de 1976, “Año del XX aniversario del Granma”.

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1976/esp/f190476e.html>>.

Acesso em: 10 maio 2020.

\_\_\_\_\_. Discurso pronunciado por Fidel Castro, Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en la velada solemne conmemorativa del XX aniversario de la victoria de Playa Girón, celebrada en el Teatro “Carlos Marx”, el 19 de abril de 1981, “Año del XX aniversario de Girón”.

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1981/esp/f190481e.html>>.

Acesso em: 10 maio 2020.

\_\_\_\_\_. Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en el acto central por el XXV aniversario de la victoria de Girón, efectuado en el Teatro “Karl Marx”, el 19 de abril de 1986, “Año del XXX aniversario del desembarco del Granma”.

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1986/esp/f190486e.html>>.

Acesso em: 10 maio 2020.

\_\_\_\_\_. Discurso pronunciado por el comandante en jefe Fidel Castro, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en el acto central por el XXXV aniversario de la victoria de Playa Girón, efectuado en Matanzas, el 16 de abril de 1996, “Año del centenario de la caída en combate de Antonio Maceo”.

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1996/esp/f160496e.html>>.

Acesso em: 10 maio 2020.

\_\_\_\_\_. Discurso pronunciado por Fidel Castro, Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros de la República de Cuba, en el acto en conmemoración del aniversario 40 de la proclamación del carácter socialista de la Revolución, efectuado en 12 y 23, el 16 de abril del 2001.

Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2001/esp/f160401e.html>>.

Acesso em: 10 maio 2020.

## BIBLIOGRAFIA

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CANDAU, Joel. **Antropologia da Memória**. Lisboa: Instituto Piaget, s./d.
- CHOMSKY, Aviva. **História da Revolução Cubana**. São Paulo: Veneta, 2015.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2ª edição. São Paulo: Centauro, 2006.
- MORAES, Fernando. **Os últimos soldados da Guerra Fria**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- NORA, Pierre. **Entre história e memória**: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.
- PÉREZ, Eugenio Suárez; ROMÁN, Acela Caner. **Fidel: Días de Girón**. Havana: Ediciones Verde Olivo, 2001.
- PRADO, Giliard da Silva. **A construção da memória da Revolução Cubana**: a legitimação do poder nas tribunas políticas e nos tribunais revolucionários. Curitiba: Appris, 2018.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007.
- RODRÍGUEZ, Juan Carlos. **Girón: la batalla inevitable. La más colosal operación de la CIA contra Fidel Castro**. Havana: Editorial Capitán San Luis, 2010.
- ROSSI, Paolo. **O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias**. São Paulo: UNESP, 2010.



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)

**RECEBIDO EM: 10/07/2020 PARECER DADO EM: 25/11/2020**